



## *A pandemia não foi um castigo, foi uma revelação*

Luísa Schmidt  
Investigadora

Foi da Natureza que nos chegou a pandemia. A mesma Natureza que nós ultrajámos e da qual abusámos. A Natureza da qual nos desligámos com arrogância. E, contudo, a cultura, a ciência e a tecnologia ensinam-nos a respeitar e a amar mais a Natureza e a dialogar melhor com ela.

Foi à Natureza durante a pandemia que fomos pedir abrigo e consolo. Era lá que estavam os espaços livres e limpos onde podíamos estar, respirar, serenar e olhar para a luz com o coração pensando no que é que efectivamente precisávamos tanto nós como os outros.

A pandemia não foi um castigo, foi uma revelação. E o pior que poderíamos fazer agora, depois de todo o sofrimento que varreu o mundo, era esquecê-lo e voltar ao ‘tudo como dantes’.

Precisamos de ciência e de tecnologia e a ciência e a tecnologia precisam de sentido, de sensibilidade, de valores. É um ciclo onde todos nos encontramos. Não podemos desumanizar esse ciclo.

Por detrás de palavras de perfil mais técnico, como ecossistema, biodiversidade, áreas protegidas, paisagem... o que se encontra profundamente inscrito é o vínculo recíproco entre Natureza e a Humanidade.

Durante a pandemia, tal como aconteceu antes durante a crise financeira, fosse por necessidade material, fosse por necessidade espiritual, por toda a

parte assistimos a uma revalorização do Ambiente e da Natureza que nos rodeiam. Pediu-se à beleza do mundo consolo para as tragédias que nos atingiram a todos.

O Ambiente não é uma actividade de lazer; é parte do verdadeiro sentido da vida e, portanto, um caminho e uma esperança. Anima-nos constatar o quanto as gerações mais novas o sentem espontânea e sinceramente, levando-os a salvar um futuro que não soubemos acautelar para eles, como era nosso absoluto dever tê-lo feito.

O ambientalismo não é um clube. É a descoberta, por vezes magoada é certo, mas sempre esperançosa e sobretudo responsabilizante. Há que fazer o que há para fazer. Mãos à obra!

